Brasil e o desafio da reconstrução no Haiti



Riordan Roett

Sob a administração do presidente Lula o papel internacional do Brasil expandiu-se dramaticamente. Entre outras coisas, o país é hoje reconhecido como um membro do grupo emergente BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China) e participou ativamente na mais recente rodada de negociações da Organização Mundial do Comércio (OMC). Embora as negociações tenham fracassado no último minuto, em agosto de 2008, a delegação brasileira sinalizou sua disposição de trabalhar com os países desenvolvidos e a liderança da OMC para encontrar uma solução de compromisso. É claro que não haverá retorno para as negociações comerciais globais, sem a participação ativa do Brasil e seus aliados dos países em desenvolvimento.

A crise financeira internacional, que começou nos Estados Unidos, em 2008, deu ao presidente Lula e líderes financeiros do Brasil, ao lado dos da China e da Índia, uma oportunidade para exigir um papel maior para os países em desenvolvimento na busca de soluções para a crise. O Brasil foi fundamental na argumentação para um papel mais amplo para as nações do G-20 (as maiores economias do mundo) e um fim ao veto exercido durante décadas pelas nações do G-7 (os principais países desenvolvidos, liderados pelos Estados Unidos). Em uma série de encontros de cúpula em Washington, Londres e Pittsburgh, o presidente Lula foi categórico em chamar a atenção para as falhas regulatórias e outras que provocaram a crise nos Estados Unidos e na Europa. Na verdade, o Brasil foi um dos últimos países a entrar na crise, a qual as autoridades manobraram com habilidade, e um dos primeiros a sair dela, relativamente incólume, em 2010. O presidente tem sido muito claro que espera que o Brasil faça parte de todas as decisões importantes tomadas

Foto: Força Aérea Brasileira

para restabelecer a saúde da economia mundial.

Outro sinal — e oportunidade — foi a decisão do Brasil, em 2004, de assumir a liderança da MINUSTAH, o contingente das Nações Unidas enviado ao Haiti para manutenção da paz, depois da deposição do presidente Jean-Bertrand Aristide. Este foi o primeiro compromisso importante do Brasil para as atividades internacionais de manutenção da paz. Esta missão, liderada desde a sua criação por um alto oficial do Exército brasileiro, tem contribuido para a redução da violência no país.

Participação

Logo após o terremoto que devastou Haiti, em janeiro de 2010, o governo brasileiro respondeu com uma série de iniciativas humanitárias. Apesar de ter perdido 17 soldados na calamidade, bem como um trabalhador social de destaque, a doutora Zilda Arns, o governo brasileiro decidiu aumentar o número de tropas que participam da MINUSTAH e autorizou a Embaixada do Brasil no Haiti a gastar US$ 15 milhões em ajuda humanitária. O Brasil também fez contribuições significativas para uma ampla gama de organizações de ajuda humanitária das Nações Unidas e multilaterais. Aviões da Força Aérea Brasileira foram mobilizados para transportar os especialistas brasileiros em desastre ao Haiti. Toneladas de alimentos, medicamentos e água foram enviadas imediatamente, junto com cães de resgate. Um hospital de emergência portátil foi montado. O Ministério das Relações Exteriores, o Itamarati, enviou um diplomata senior para o Haiti um dia após o terremoto, para coordenar os esforços do Brasil com outros países e agências que trabalham para prestar socorro de emergência. Um Grupo de Apoio Especial foi criado na Embaixada do Brasil em Santo Domingo, capital da República Dominicana, para transportar material por terra, já que o principal porto no Haiti estava inoperante e o aeroporto de Porto Príncipe seriamente danificado.

A ajuda humanitária vai continuar necessária por algum tempo, e o Brasil continuará sendo um importante doador. Alegadamente o presidente Barack Obama falou com o presidente Lula e informou que a sua administração em Washington volta-se para o Brasil para desempenhar um papel importante agora e no futuro. Discussões entre os dirigentes da política externa nas duas capitais — e a visita ao Haiti dos dois dirigentes — confirmam a prioridade a uma abordagem global para a recuperação do Haiti. Embora a crise humanitária tenha precedência, a reconstrução nacional não deve ser negligenciada no longo prazo. Esta é uma oportunidade para o Brasil assumir um papel de liderança na planejada reconstrução do Haiti. Tendo operado no país desde 2004, as autoridades brasileiras são bem conhecidas do povo e das autoridades haitianas. Talvez o mais relevante, os norte-americanos não devem tomar a liderança nos esforços de reconstrução. Os Estados Unidos são impopulares na América Latina, e a sua participação na história do Haiti é altamente controversa em toda

> É preciso que um país da região assuma a liderança na coordenação do esforço multilateral para dar rumo à reconstrução do Haiti

O Brasil tem sido influente nas negociações comerciais e na criação de uma nova arquitetura financeira internacional.

a região. O Brasil é visto pelos países da região como um ator relativamente neutro.

É preciso que um país da região assuma a liderança na coordenação do esforço multilateral para dar rumo para a reconstrução no longo prazo. Para tanto, não há candidato melhor do que o Brasil. O país não tem ambições imperiais do tipo que se suspeita os Estados Unidos tenham. Dada a impressionante gestão econômica e financeira da presidência de Lula, o Brasil tem recursos para oferecer quantias significativas de dinheiro — em conjunto com muitos outros doadores — como tem feito, não só desde janeiro, mas desde que chegou ao Haiti, em 2004.

Um verdadeiro desafio no Haiti será a reconstrução física do país, e as empresas brasileiras de construção civil são reconhecidas como líderes no setor. Os esforços de reconstrução anterior foram manchados pela corrupção, pouca preocupação com os códigos de obras, e nenhum plano realista urbano para a capital do país. O Brasil tem a experiência necessária para conduzir essa reconstrução de forma diferente.

Liderança

A possibilidade de liderar a reconstrução do Haiti promoveria também a nova política externa brasileira voltada para a construção de instituições que reflitam as novas realidades globais. Grupo IBSA (Índia, Brasil e África do Sul) é um reflexo da nova dinâmica da diplomacia sul-sul. O Brasil também tem estado na vanguarda na criação da UNASUR, a nova União dos países da América do Sul; e o recém-criado Conselho de Segurança da América do Sul reflete uma visão mais ampla do compromisso do Brasil com expansão multilateralismo.

A comunidade mundial deve saudar a liderança brasileira na tarefa desafiadora de ajudar o Haiti a reconstruir-se. O Brasil tem os recursos, financeiros e humanos, para fazê-lo. Aceitar o papel de líder reflete a impressionante evolução dos assuntos externos sob a presidência de Lula. O Brasil tem sido influente nas negociações comerciais e na criação de uma nova arquitetura financeira internacional. Um papel mais amplo no Haiti deveria consolidar a experiência do Brasil desde 2004 em proteger vidas haitianas da violência generalizada. A função de segurança leva naturalmente para a reconstrução no longo prazo. A comunidade mundial, e especialmente os Estados Unidos, devem aproximar-se das autoridades brasileiras para discutir uma forma adequada para realizar a reconstrução. Pode ser a ONU. Também exigirá a participação do Banco Interamericano de Desenvolvimento e outras instituições financeiras, e será crucial coordenar o trabalho das ONGs já muito ativas no país. Por último, um discurso eficaz diplomático com o governo do Haiti será essencial. O Brasil está preparado para este papel. E pode fazê-lo com tato e compreensão.

Riordan Roett é professor e Diretor do Programa de Estudos do Hemisfério Ocidental e América Latina da Escola de Estudos Internacionais Avançados (SAIS) da Universidade Johns Hopkins, Washington, DC